

**ACTAS DEL CONGRESO:
ÁMBITOS TECNOLÓGICOS, ÁMBITOS DE PODER.
LA TRANSICIÓN BRONZE FINAL-HIERRO EN LA PENÍNSULA IBÉRICA
(Madrid, 18 Marzo de 2004)
Dirección Científica: Alicia Perea.**

Metalurgia do Bronze Final no entre Douro e Tejo português: contextos de produção, uso e deposição

RAQUEL VILAÇA

Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.
E-mail: rvilaca@ci.uc.pt

1. Introdução

Tendo em conta a temática deste Seminário, procurei reunir elementos resultantes dos meus próprios trabalhos, publicados e inéditos, bem como outras novidades portuguesas, mas tive igualmente em linha de conta informação mais antiga que merece ser recuperada e valorizada.

O quadro cronológico estava, à partida definido. Nesse âmbito, vários assuntos podiam ser abordados e, cada qual, de diversas maneiras. A metalurgia era um tema incontornável. E, quando falamos do metal no Bronze Final, falamos essencialmente do bronze. Mas, para além dessa metalurgia, no espaço geográfico que escolhi, entre Douro e Tejo, perfeitamente aleatório, também encontramos registos de ouro e de ferro. Por razões óbvias, o seu número é muitíssimo reduzido. Ainda assim, não tanto quanto se poderia pensar.

Em relação ao ouro, entre peças, conservadas e perdidas, ou meras notícias de achados, eu própria fiquei surpreendida com o número de registos reportáveis à região em análise. Quanto ao ferro, considero que um dos principais resultados da investigação dos últimos anos nas Beiras foi a possibilidade de comprovar, em termos estratigráficos, e com datas de Carbono 14, a presença de artefactos de ferro em contextos do Bronze Final.

Estas três categorias articulam-se, directa ou indirectamente, com o que considero ser o aspecto mais emblemático da época e região: os sítios habitados ou povoados, que representam, com efeito, uma ruptura em termos de estratégia de povoamento. Não sendo possível falar em armamento da região no período anterior (Bronze Antigo e Médio), sem dúvida que se verificou nos últimos séculos do II milénio a. C. uma reconversão no modo e na forma de intervenção e de percepção do homem no espaço.

2. A “domesticidade” do bronze nas Beiras Alta e Baixa

Nos últimos 15/20 anos desenvolveram-se múltiplas escavações em sítios de habitat com ocupação do Bronze Final, quer na Beira Interior (Vilaça, 1995; 1998 a; 1999; 2000), quer na Beira Central (Senna-Martinez, 1998; Senna-Martinez, 2000 b). A área mais litoral

tem sido negligenciada e, no entanto, essa região constitui, indubitavelmente, um ponto-chave na clarificação de uma série de questões.

Naturalmente que as diferenças, em termos de implantação, dimensão, organização interna, etc., desses povoados são mais do que as similitudes. Tudo depende da escala de análise de aproximação que queiramos adoptar. Não é este o lugar para fazer esse estudo que, de resto, foi já realizado em diversas ocasiões (Vilaça, 1995; 1998 a). Poderei apenas, a título de exemplo, e servindo-me dos resultados das minhas escavações, recordar alguns aspectos mais relevantes.

Sobre o tempo de ocupação, sabemos que alguns povoados são fundados de raiz. Outros revelaram ocupação anterior, do Neolítico e Calcolítico, mas com hiatus importantes nas fases seguintes. Monte do Frade (Penamacor), Monte do Trigo (Idanha-a-Nova) e Tapada das Argolas (Fundão) são disso exemplo. Constitui excepção a Cachouça (Idanha-a-Nova) que, além de uma ocupação do Neolítico Final / Calcolítico e do Bronze Final, continuou a ser ocupada na I Idade do Ferro. Todos os demais parecem ter sido abandonados no Bronze Final /transição Ferro Inicial para, nalguns casos, como o Cabeço da Argemela (Fundão), a Tapada das Argolas, ou Monforte da Beira (Castelo Branco) serem reocupados nos finais do I milénio a. C.



Fig. 1



Fig. 2

Sobre o tipo de implantação topográfica, a grande maioria ocupa as plataformas de topo de elevações muito bem destacadas e individualizadas na paisagem, de onde a visibilidade era ampla, registando-se frequentes elos de intervisibilidade entre si, como os Alegrios, a Moreirinha (Fig. 1) ou o Monte do Frade. Do mesmo modo, pelo seu forte impacto na paisagem, muitas vezes sublinhado pelo amontoado de rochas nos seus cumes, como o Castelejo (Fig. 2), ou o Cabeço da Argemela, podiam ser vistos e percebidos, constituindo verdadeiros marcadores do território. Mais uma vez, não obedece a este modelo a Cachouça, que corresponde a um esporão sobranceiro ao Ponsul.



Fig. 3

Muitos destes sítios são desprovidos de muralhas. Outros são muralhados mas desconhece-se a sua cronologia. A única muralha intervencionada e datável do Bronze Final é a muralha do Monte do Trigo (Fig. 3), construída em pedra seca. Globalmente contemporâneo, ou de uma fase imediatamente seguinte, é o singular talude de terra e pedras, de configuração subelíptica, que delimita um espaço com cerca de 900 m² na Cachouça (Vilaça, no prelo a). Algumas vezes encontram-se muros ou muretes, que se misturam e confundem com afloramentos naturais, mas não podemos falar nesses casos de verdadeiras muralhas.

Ao nível da organização interna, estes povoados pautam-se por estruturas habitacionais muito rudimentares e funcionalmente pouco variadas. As cabanas, circulares, com as da Moreirinha (Fig. 4), foram construídas em materiais perecíveis, reservando-se a pedra para as sapatas. Estes espaços são polarizados por estruturas de combustão, na periferia das quais se detectaram sinais de diversas actividades: moagem, preparação e consumo de alimentos, fição, tecelagem e metalurgia.



Fig. 4

Neste aspecto é inequívoca a plena e generalizada domesticidade da metalurgia. Todos os sítios escavados, e outros, forneceram elementos da cadeia operatória da metalurgia do bronze e, num ou noutro caso, talvez, do ouro: cadinhos, moldes, ferramentas de trabalho (percutores, punções e serras), escórias ou restos de fundição, para além dos próprios artefactos. Contudo, é modesta essa metalurgia, quer pela capacidade dos cadinhos — 0,121 litros no da Moreirinha e 0,201 litros e 0,381 litros nos do Castelejo (Fig. 5) —, envolvendo pequenas quantidades de metal, quer pelas matrizes dos moldes (Fig. 6), quer ainda pelo tipo de peças, tecnologicamente simples: hastes, varetas, punções (Fig. 7), argolas, braceletes, foices, punhais (Fig. 8), e alguns inacabados como um alfinete dos Alegrios (Vilaça, 1997).

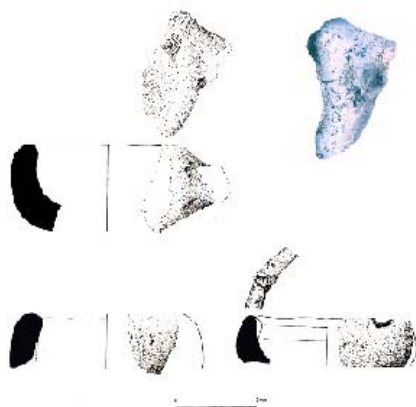


Fig. 5

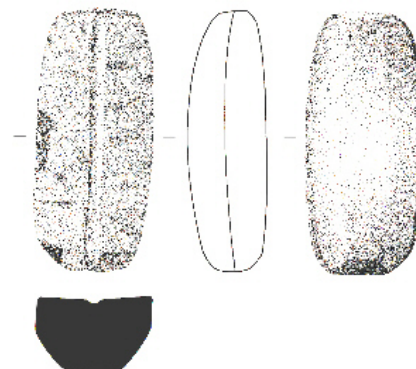


Fig. 6

Trata-se de uma metalurgia doméstica, limitada, de âmbito familiar, produzida em pequena escala, destinada total, ou maioritariamente, ao consumo próprio.

Permanece em aberto a identificação dos contextos de produção de peças mais sofisticadas ou das peças pesadas, volumosas ou produzidas em série, como os machados ou as espadas. Naturalmente que há excepções. Baiões é uma delas (Silva *et alii*, 1984; Senna-Martinez e Pedro, 2000; Armbruster, 2002-2003).

Face às já múltiplas análises existentes, de contextos variados, oriundos de todo o espaço do Entre Douro e Tejo, verifica-se que é uma metalurgia binária e de boa qualidade tendo em conta a relação percentual dos componentes de cobre e estanho. Os valores deste último oscilam entre os 6% e os 18%. O chumbo, quando ocorre, é em percentagens insignificantes, interpretáveis como impurezas e não adições intencionais (Vilaça, 1997).

A produção de artefactos de ouro nestes mesmos contextos, e, de resto, em quaisquer outros da região, é um aspecto muito mal conhecido. Mesmo assim, voltarei ao assunto mais adiante.



Fig. 7



Fig. 8

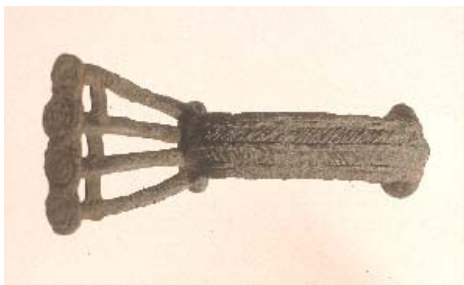


Fig. 9



Fig. 10

Ainda no que respeita a produção do bronze, gostaria de sublinhar que ao lado das peças de Baiões no mais puro estilo sardo-cipriota, como são os carros e a fúrcula, com a sua decoração entrançada e com espirais, outros achados recentes também remetem para o Mediterrâneo central (Vilaça, 2004). Um deles é um artefacto em forma de asa recolhido no povoado do Pé do Castelo (Beja) (Fig. 9), com paralelos em peças congéneres do depósito de Monte Sa Idda. Considero que se trata de uma peça completa, ainda que funcionalmente tivesse de ser articulada com outro corpo, talvez em madeira ou couro. A segunda, semelhante, ainda inédita, e infelizmente fragmentada, é proveniente do Monte de S. Martinho (Castelo Branco).

À problemática de se tratar de sucata importada, ou de constituírem produções locais inspiradas em modelos orientais, juntam-se as duas valvas de um molde dado a conhecer por Jorge de Alarcão, há já 11 anos, com base no desenho de um artigo publicado nos anos 50 num jornal regional (ALARCÃO, 1993) e hoje no Museu Municipal de Gouveia. Encontrado casualmente no Campo Redondo (Gouveia) (Fig. 10), onde

alguns apontam a existência de um castro, mas de que não é possível identificar vestígios, é, sem dúvida, uma peça interessantíssima. Porém, a sua cronologia levanta-me dúvidas. Poderia ter servido para o fabrico de alfinetes de ouro, ou de bronze, ou para discos de aplicação. A decoração das cabeças, formando círculos concêntricos, bem como uma das hastes, em forma de espinha, enquadram-se estilisticamente, tal como as peças atrás referidas, em certas produções do mundo sardo-cipriota e que o Ocidente também adoptou. Será que, juntamente com a presumível sucata, também vinham os moldes e com eles os artífices?

Estes testemunhos fazem parte de um conjunto muito diverso de bens, cuja origem ou concepção são inequivocamente alógenos e plurais, independentemente de constituírem modelos importados ou produções locais. Seja pela matéria-prima — contas em vidro e em âmbar de origem báltica de Baiões e da Moreirinha (Vilaça, Beck e Stout, 2002), seja pela tecnologia expressa nas lâminas de ferro (a que me voltarei a referir), seja por determinados tipos de peças como as pinças do Monte do Frade e do Monte do Trigo, as fíbulas de S. Romão (Seia), de Santa Luzia (Viseu), de Baiões, dos Alegrios, de Mondim da Beira (Lamego), etc., são todos expressão do envolvimento do centro do actual território português, particularmente na sua área mais interior, nas grandes rotas trans-regionais de trocas e contactos em vigor (VILAÇA, 1995; 1998 a; 1998 b; SENNA-MARTINEZ, 1998; 2000 b).

A valorização de pequenas peças como os possíveis ponderais, avulsos ou constituindo “jogos” de pesos, do Monte do Trigo, Pragança (Cadaval) (Fig. 11), Moreirinha, Baiões, entre outros, reforça o papel dinâmico do Centro-ocidental peninsular na viragem do milénio (Vilaça, 2003).

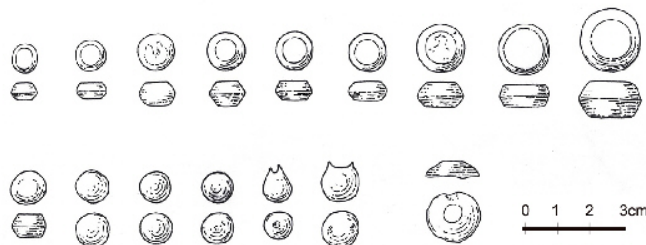


Fig. 11

Na Beira Litoral e Estremadura a informação publicada é mais parca e, regra geral, antiga. Mas é muito provável que ocorra uma situação similar de produção generalizada do bronze nos habitats. A importância, numérica e qualitativa, dos registos de bronze, de achados antigos, designadamente na Alta Estremadura (Pombal, Leiria, Porto de Mós, Alcobaça), mas também do Baixo Tejo, é inequívoca (Vilaça e Arruda, 2004, com demais bibliografia).

3. A inovação do ferro e as suas pautas comportamentais

A presença de artefactos de ferro em contextos do Bronze Final peninsular é hoje uma realidade. Almagro Gorbea (1993) analisou o problema, chamando a atenção para a existência de objectos de ferro em contextos do Bronze Final, mais numerosos e de distribuição mais ampla do que se supunha. Registou, então, seis ocorrências: Villena,

Campotéjar, Berrueco, Baiões, Huelva e Chãs de Tavares (Mangualde). Este último não deverá ser valorizado, pois corresponde a um achado de superfície realizado no castro da Senhora do Bom Sucesso, onde também existem materiais da Idade do Ferro e época romana.

De então para cá, a situação alterou-se profundamente, quer pelo número crescente de novos achados, quer pela sua natureza, quer ainda por, boa parte deles oferecer uma cronologia segura, suportada por contextos estratigráficos e datas de Carbono 14. Entretanto, também outros colegas discutiram o assunto (Ruiz-Gálvez Priego, 1998).



Fig. 12

Além da peça bimetálica de Baiões (Fig. 12), contam-se os achados do Monte do Trigo, Moreirinha (Fig. 13), Monte do Frade, e Cachouça, todos na Beira Baixa (Vilaça, no prelo b), e ainda o do Outeiro do Castelo de Beijós (Carregal do Sal) (Senna-Martinez, 2000).

No que respeita a cronologia, designadamente as datas de Carbono 14, julgo que sem prejuízo de futuras correcções, os dados permitem estabelecer duas situações distintas. Numa, mais antiga, podemos englobar a Moreirinha, o Monte do Frade, o Monte do Trigo e Beijós, que forneceram datas anteriores ao séc. IX AC. Noutra, com o caso da Quinta do Marcelo (Almada) (Barros, 1998), temos um contexto do séc. IX AC, isto é, já no interface dos primórdios da presença e estabelecimento fenício na Península.



Fig. 13

A situação é, portanto, bem diferente da existente nos inícios dos anos 90, justificando-se novas reflexões.

Naquela altura considerei esses primeiros ferros como elementos de natureza sócio-simbólica e de prestígio, quer pelo seu reduzido número, quer por se tratar de uma matéria-prima desconhecida e, por conseguinte, supostamente exótica. O remate de ferro com decoração embutida em ouro e o bracelete de ferro de Villena mostram como o ferro foi apreciado enquanto metal nobre. Mas o caso de Villena não tem paralelo no Ocidente peninsular e o número de registos aumentou significativamente.

Os casos aqui registados têm em comum três aspectos: são provenientes, na sua maioria, de regiões afastadas do litoral, dizem respeito a contextos habitacionais e correspondem a instrumentos de trabalho, a pequenas peças cortantes, muito simples, designadamente facas e serras.

Como já tive oportunidade de sublinhar (Vilaça, 1995: 351), as facas são de entre os artefactos de ferro os mais frequentes no mundo Mediterrânico, nomeadamente Oriental, por volta do séc. XII AC. Mas é igualmente verdade que estas formas se aproximam ou copiam modelos em circulação no Bronze Final, tal como também o escopro de Baiões é de tipologia atlântica. Portanto, e não obstante a inexistência de provas do trabalho local do ferro, não é seguro, apesar de provável, que tais artefactos sejam importações.

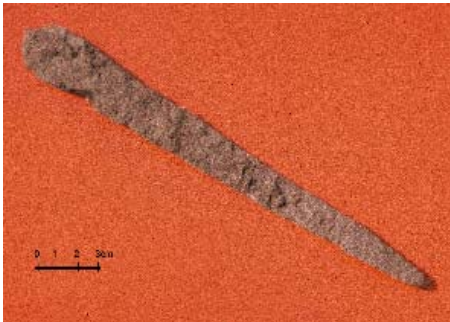


Fig. 14

Algumas destas peças são, de facto, bimetálicas. Além do escopro de Baiões, com o corpo em bronze e a ponta em ferro, duas das facas da Quinta do Marcelo possuem rebites em bronze, tal como uma das lâminas da Cachouça com quatro orifícios para rebites, de que se conserva ainda um, em bronze. Conforme já foi sublinhado por diversos investigadores, o bimetalismo dos artefactos é uma característica do início da introdução funcional do ferro.

Na Cachouça, e com uma cronologia já de inícios da Idade do Ferro, ocorrem novidades que alteram este padrão do ferro do Bronze Final. Temos agora peças de maior dimensão e diversidade de tipos (um prego, uma serra, duas facas, uma das quais de dorso encurvado, um punhal e um cutelo) (Fig. 14). Perde-se, portanto, a acentuada homogeneidade verificada da fase anterior e, pela primeira vez, utiliza-se o ferro no fabrico de uma arma, um longo punhal.

Dos dados da Cachouça, no seu conjunto, há que tirar uma outra lição. Da incorporação do ferro não se pode deduzir, bem pelo contrário, uma rápida e generalizada substituição do bronze pelo ferro. A importância, a diversos títulos, dos artefactos de bronze nesta estação demonstra que, na mais pura tradição do Bronze Final, a produção do bronze predominará ainda nos primeiros séculos do novo milénio. Se for correcto tomar este exemplo como modelo para a região, teremos de aceitar que a transição Bronze / Ferro foi mais uma caso de continuidade do que de descontinuidade.

Seja como for, é inevitável que se tenham verificado diferentes atitudes por parte das comunidades em relação ao ferro, em função dos ritmos e trajectórias regionais pré-existentes. É necessário escavar bons contextos para sabermos mais. Só assim será possível captar a natureza e o valor dos dois ferros, o do Bronze Final e o da Idade do Ferro.

4. A ourivesaria

A publicação, em 1993, do *Catálogo de Ourivesaria das Coleções (do Calcolítico ao Bronze Final) do Museu Nacional de Arqueologia* (Armbruster e Parreira, coord., 1993) constituiu, e constitui, uma base de estudo incontornável para quem pretende conhecer a ourivesaria pré-histórica do território português. Igual sorte não teve, ainda, a riquíssima colecção de jóias proto-históricas do mesmo museu.

Aquele Catálogo reúne, para a região contemplada, quinze registos. Mas, entre o total de achados referidos na bibliografia a que tive acesso, entre peças conservadas

(dispersas por outros museus) e perdidas, meras notícias de achados, nem sempre confirmados, ou outros que foram fundidos logo após terem sido encontrados, contabilizam-se trinta situações. Neste cômputo incluo peças genericamente da Idade do Bronze, sem ser possível determinar, em certos casos, a que período preciso correspondem — caso das espirais ou de determinados braceletes.

Daqueles números, parece ser razoável tirar como primeira conclusão que o que temos e conhecemos é muito pouco representativo do que terá, realmente, existido, manifestamente em número, volume e peso muito superiores.

Daqui decorre, por outro lado, a existência de grande disponibilidade de matéria-prima, bem como a apetência, por parte das comunidades do Bronze Final desta região, pela acumulação e deposição do ouro.

Como é sobejamente conhecido, já desde a Antiguidade, a região em causa é rica em jazidas de ouro, designadamente aluvionar, que nos interessa particularmente.

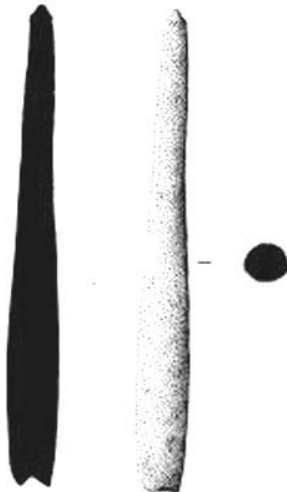


Fig. 15

A produção de artefactos de ouro nos mesmos contextos habitacionais produtores do bronze é muito provável. Tal não invalida a ideia de existirem oficinas próprias para o trabalho mais sofisticado e “profissional” do ouro, mas bronzistas e ourives seriam a mesma pessoa (Perea, 1991: 129). De qualquer forma, trata-se de um problema interessantíssimo que coloca questões sobre a identidade de bronzistas e de ourives, de metalurgistas itinerantes e sedentários, etc. Como a Etnografia tem demonstrado, nem sempre a actividade metalúrgica deixa abundantes e inequívocos vestígios. Por outro lado, determinados instrumentos de trabalho poderiam ser utilizados de forma indistinta, quer no trabalho do bronze, quer no de ouro.

Na pesquisa que efectuei, mas que deverá ser aprofundada, apenas encontrei duas situações onde foram recolhidos possíveis instrumentos de trabalho associados à produção do ouro. De novo Baiões, onde existe uma peça interpretada como pedra de toque (Armbruster, 2002-2003: Est. III-1). Também a Moreirinha, onde temos um punção fusiforme de matriz circular ou oca (Vilaça, 1995: 338 e Est. CCXLV-3) (Fig. 15) e um cadinho com prováveis vestígios de ouro (inédito, informação oral de Craig Merideth). E ainda o conjunto do Pinhal do Urso (Leiria), com lingotes e instrumentos de trabalho, semelhante aos haveres de um ourives Tuareg (Kalb, 1998: 163).

Jóias inacabadas como o bracelete de Monte Airoso (Penedono) ou Baralhas (Vale de Cambra) e fragmentadas, como um dos braceletes da Boavista (Almoster), etc. (Armbruster e Parreira, coord., 1993), poderiam igualmente ser possíveis indicadores dessa produção, tal como o molde do Cabeço Redondo, já referido, caso seja do Bronze Final.



Fig. 16



Fig. 17

À semelhança do que caracteriza, tipologicamente, a ourivesaria do Ocidente Peninsular, os braceletes predominam sobre os demais tipos, sendo possível contabilizar 57 exemplares. O bracelete é, pois, a jóia de eleição do Bronze Final do Entre Douro e Tejo. Os colares desempenham, de modo idêntico, um lugar cimeiro e possivelmente complementar em termos sócio-simbólicos. Destacam-se as pesadas peças, maciças, de ouro martelado, de secção circular, lisas, como os casos de Monforte da Beira, Baralhas (Fig. 16), Soalheira, Machorros (Serrazes), Almoster, etc., ou com decoração geométrica do tipo Sagrajas-Berzocana, como os colares de Baiões (Armbruster e Parreira, coord., 1993). Mantêm-se ausentes, como já foi sublinhado por outros investigadores, as jóias de tipo Villena-Estremoz existentes a sul do Tejo e a norte do Douro; possível exceção para o fecho do colar de Sintra que terá sido feito a partir de um bracelete daquele tipo (Armbruster, 1995: 159).

Noutra categoria tipológica insere-se o designado “colar de Coimbra” (fig. 17), cujo contexto e condições de achado são desconhecidos, e mesmo a proveniência, incerta (Armbruster e Parreira, coord., 1993).

Vem isto a propósito de uma outra possível peça, oriunda do Bolho (Cantanhede), cujo paradeiro ignoramos, e que apenas conhecemos através de desenho (Fig. 18). Trata-se de um colar fragmentado, mas praticamente completo, com fecho, em quase tudo idêntico ao presumível “colar de Coimbra”.

De uma tipologia distinta é o torques de Gesteira (Soure), em ouro martelado, aberto, com haste maciça, circular, e terminais discoidais lisos, transversais ao aro. Encontra paralelos no sul do território português, nas peças de Alegrete (Portalegre) e de Vila Nova de São Bento (Serpa) (Armbruster e Parreira, coord., 1993).

As espirais ou meadas de ouro, cuja cronologia pode ser bastante ampla, circunscrevem-se a três registos — Gibraltar (Covilhã), Castelo Reigoso e Forno dos Mouros (Pampilhosa da Serra) (Fig. 19), todos na região montanhosa das serras do Sistema Central (Alarcão, 1993; Vilaça, 1995; Batata e Gaspar, 1994).

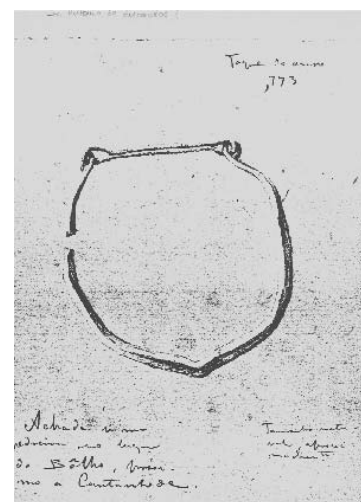


Fig. 18

De um modo geral, as situações conhecidas respeitam a achados singulares. Mas são igualmente significativos achados múltiplos: casos de Baiões, com três peças, tal como Mira de Aire, com um diadema e dois cones; verdadeiros depósitos constituem os casos de Fragas do Avento, com cinco braceletes, ou Baralhas (Vale de Cambra), que reunia originalmente dezasséis braceletes (e um outro objecto de tipo desconhecido que se perdeu), de que restam três.

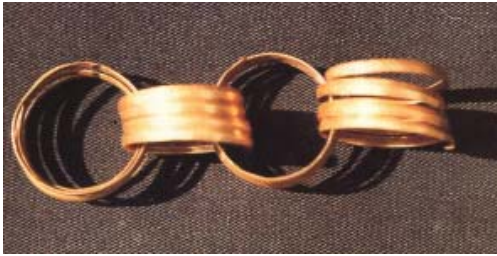


Fig. 19

No que respeita as condições e contextos de achado, creio que todas os achados são fruto do acaso; as informações são muito residuais ou omissas, traduzíveis na fórmula “achado avulso”. Se é certo que muitos serão achados avulsos, entenda-se, sem outros materiais associados e/ou sem contexto arqueológico directo, creio que valeria a pena abordá-los, de forma relacional, em termos de distribuição no espaço. Creio ser defensável a ideia de que existe uma relação próxima, ou muito próxima entre os achados de ouro e os locais de habitat, devendo aqueles ser reavaliados à luz do que podemos designar por “contexto relacional”. Essa relação parece confirmar-se do Monte Airoso, Sr^a. da Guia (Baiões), Serrazes, Baralhas, Pena Lobo, Sobreiral e Monforte. Há que confirmar outras hipóteses, mas é trabalho que merece ser investigado a uma escala micro-regional.

Apenas em três casos, o do colar de Sintra, o do bracelete da Quinta da Bouça (Famalicão) e o do conjunto da Herdade do Sardoninho (Aljustrel), estes dois últimos já fora da área contemplada neste texto, é possível outorgar-lhes um contexto sepulcral. São, obviamente, excepções.

Subjacente às leituras aqui apresentadas está a ideia de que é necessária a valorização do povoado já não só como espaço onde as populações procuraram abrigo e onde decorreram as actividades designadas “domésticas”, mas enquanto pólo estruturante da organização sócio-política e simbólica de um território. De facto, é neles, e na sua órbita, que tudo ou quase tudo, se estrutura e se consubstanciam a prática e reprodução do todo social. A “paisagem cultural” das sociedades do Bronze Final do vasto e heterogéneo espaço compreendido entre o Douro e o Tejo parece ter sido polarizada *no e a partir do povoado*, enquanto “espaço dos vivos”.

Bibliografia.

ALARCÃO, J. 1993: *Arqueologia da Serra da Estrela*, Manteigas: Parque Natural da Serra da Estrela.

ALMAGRO GORBEA, M. 1993: "La introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el período protoorientalizante", *Complutum*, 4, Madrid, p. 81-94.

ARMBRUSTER, B. 1995: "Sur la technologie et la typologie du collier de Sintra (Lisbonne, Portugal) — un oeuvre d'orfèvrerie du Bronze Final Atlantique composé des types Sagrajas-Berzocana et Villena-Estremoz", *Trabajos de Prehistoria*, 52 (1), p. 157-162.

- 2002-2003: "A metalurgia da Idade do Bronze Final Atlântico do Castro de Nossa Senhora da Guia, de Baiões (S. Pedro do Sul, Viseu)", *Estudos Pré-históricos*, 10-11, Viseu, p. 145-155.

ARMBRUSTER, B. e PARREIRA, R. (Coord.) 1993: *Catálogo - Coleção de Ourivesaria, 1.º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.

BARROS, L. 1998: *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*, Câmara Municipal de Almada/Museu Municipal/Núcleo de Arqueologia e História.

BATATA, C. e GASPAR, F. 1994: *Levantamento Arqueológico do Concelho de Pampilhosa da Serra*, Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra.

KALB, P. 1998: "Produção local e relações a longa distância na Idade do Bronze Atlântico do Oeste da Península Ibérica", in Jorge, S. O. (ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Trabalhos de Arqueologia, 10, Lisboa: IPA, p. 157-165.

PEREA, A. 1991: *Orfebreria Prerromana. Arqueología del Oro*, Madrid.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1998: *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce*. Barcelona: Crítica/Arqueología.

SENNA-MARTINEZ, J. C. 1998: "Produção, ostentação e redistribuição: Estrutura Social e Economia Política no Grupo Baiões/Santa Luzia", in Jorge, S. O. (ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Trabalhos de Arqueologia, 10, Lisboa: IPA, p. 218-230.

- 2000 a: "O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final na Orla Atlântica: os dados do "Outeiro dos Castelos de Beijós" (Carregal do Sal). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 6, Lisboa, p. 43-60.

- 2000 b: "O Grupo Baiões/Santa Luzia no quadro do Bronze Final do Centro de Portugal", in *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*, Viseu, p. 119-146.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e PEDRO, I. 2000: "Between Myth and Reality: The foundry area of Senhora da Guia de Baiões and Baiões/Santa Luzia metallurgy", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 6, Lisboa, p. 61-77.

SILVA, A. C. F.; SILVA, C. T.; LOPES, A. B. 1984: "Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu)". *Lucerna, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, p. 73-109.

VILAÇA, R. 1995: *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. 2 vols., Trabalhos de Arqueologia, 9. Lisboa: IPPAR.

- 1997: "Metalurgia do Bronze Final da Beira Interior: revisão dos dados à luz de novos resultados", *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu, p. 123-144.
- 1998 a: "Hierarquização e conflito no Bronze Final da Beira Interior", in Jorge, S. O. (ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, "Trabalhos de Arqueologia", 10, Lisboa: IPA, p. 203-217.
- 1998 b: "Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C.", *Estudos Pré-históricos*, 6, Viseu, [*Actas do Colóquio A Pré-história na Beira Interior*], p. 347-374.
- 1999: "Some comments on the archaeological heritage of the Late Bronze Age in Beira Interior", *Journal of Iberian Archaeology*, 1, Porto, p. 173-184.
- 2000: "Registos e leituras da Pré-história Recente e da Proto-história Antiga da Beira Interior", *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV, Porto, p. 161-182.
- 2003: "Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final/Ferro Inicial no território português", *O Arqueólogo Português*, XXI, Lisboa, p. 245-288.
- 2004: "Ecos do Mediterrâneo no Monte de São Martinho (Castelo Branco): a propósito de um artefacto do Bronze Final", *Estudos de Castelo Branco*, nova série, n.º 3, Castelo Branco, p. 5-18.
- no prelo a: "A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco): construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC", *Actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro, Setembro de 2004).
- no prelo b: "Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados", *Complutum*.

VILAÇA, R. e ARRUDA, A. M. 2004: "Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro", *Conimbriga*, XLIII, Coimbra, p. 11-45.

VILAÇA, R.; BECK, C.; STOUT, E. 2002: "Provenience analysis of prehistoric amber artefacts in Portugal", *Madrider Mitteilungen*, 43, Madrid, p. 61-78.